

## Luto e Melancolia: Um texto em expansão

Ronis Magdaleno Júnior<sup>1</sup>

**Resumo:** A partir do texto Luto e Melancolia, o autor propõe um percurso teórico que aponta para alguns desenvolvimentos das ideias lançadas nesse trabalho seminal de Freud. Com essa finalidade, percorre as obras de autores pós-freudianos, sobretudo Karl Abraham, Melanie Klein e Jacques Lacan, procurando definir pontos de expansão dos conceitos. Lança mão de alguns recursos das artes para contextualizar as ideias desenvolvidas. Ao final do percurso, propõe que os processos de luto e melancolia não podem ser distinguidos tão claramente como pensava Freud, sendo o processo de luto/melancolia constitutivo do sujeito.

**Palavras-chave:** luto; melancolia; psicanálise; depressão.

Em linhas gerais, Luto e Melancolia (Freud, 1917[1915]/2011) trata da forma como o ser humano lida com a perda e se constitui a partir dela. Reter ligações com o que se perde é imperativo na constituição da vida mental de cada ser humano, mas o modo como esses eventos são processados por cada um assume formas muito diferentes, que podem levar desde a expansão do potencial criativo e artístico até a morte real do indivíduo. Lançadas as ideias por Freud - há 100 anos! -, logo outros autores, partindo de suas experiências clínicas, procuraram ampliar os caminhos apontados. Entre eles destacam-se Karl Abraham, Melanie Klein e Jacques Lacan. Neste trabalho procuro acompanhar o desenvolvimento dos conceitos de luto e melancolia desde suas primeiras proposições por Freud em 1915 até os dias atuais. Como todo percurso em psicanálise, após tantos anos de consistentes progressos, essa seria uma tarefa impossível, pois hoje é impensável percorrer todos os caminhos e atalhos da teoria psicanalítica sobre determinado assunto, em decorrência de seu volume e complexidade. Traço, então, uma rota teórica, que deixa certamente muitas coisas de fora, mas que permite um aprofundamento no caminho escolhido. Como quase sempre em psicanálise, nos propomos a falar daquilo que não pode ser dito, lanço mão da arte como ferramenta auxiliar nessa difícil tarefa de comunicar o que está além (ou aquém) das palavras. Com esse intuito, verão os leitores aparecer em nosso caminho Pablo Picasso, Giorgio Morandi, Giorgio De Chirico, Leonardo da Vinci, Mário de Sá-Carneiro e Carlos Drummond de Andrade, fazendo-nos uma companhia indispensável, além de prazerosa, na árdua elaboração de nossa proposta.

<sup>1</sup> Membro efetivo e analista didata do Grupo de Estudos Psicanalíticos de Campinas e membro efetivo da Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo.

## ***Retomando Freud...***

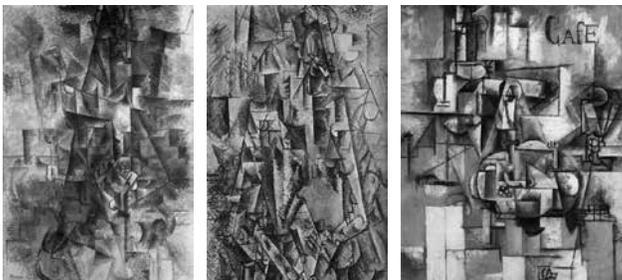
### **Luto**

Para Freud, durante o doloroso trabalho do luto, o objeto perdido deve ser acessado em todas as suas variadas representações, ocorrendo durante esse tempo uma “dedicação exclusiva ao luto, na qual nada mais resta para outros propósitos e interesses” (Freud, 1917[1915]/2011, p. 49). O sujeito vive um processo que poderia mesmo ser considerado um adoecimento, caso não fosse tão corriqueiro e natural, pois, durante ele, grande parte da energia psíquica disponível fica ocupada nessa dedicação exclusiva ao objeto perdido.

A esse processo de desligamento, Freud chamou “trabalho do luto” (Freud, 1917[1915]/2011, p. 49): o teste da realidade revela que o objeto não mais existe, exigindo que a libido investida nele seja retirada. Essa exigência gera uma forte oposição, pois, como observou Freud, uma posição libidinal nunca é abandonada de bom grado. Essa oposição é tão forte que provoca um desvio da realidade em direção ao investimento das representações do objeto perdido. Em função disso, o desinvestimento do objeto só pode ser feito pouco a pouco e com grande dispêndio de energia psíquica, o que, por sua vez, prolonga a existência do objeto perdido. Durante esse processo, cada uma das representações é evocada, hiperinvestida e posteriormente desligada, fazendo-se a constatação da realidade da perda de forma fragmentária e penosa. Ao final desse trabalho, o eu fica outra vez “livre e desinibido” (Freud, 1917[1915]/2011, p. 51) podendo investir libidinalmente em novos objetos.

Leader (2011) reconhece esse processo de desinvestimento e reinvestimento no objeto perdido em algumas expressões artísticas:

**Cubismo de Pablo Picasso:** o artista recompõe a imagem como um conjunto de perspectivas múltiplas, sendo os ângulos e aspectos diferentes da imagem convencional de uma pessoa combinados e reordenados para gerar a imagem cubista. Podemos extrapolar esse modelo para o campo proposto por Freud, já que incorpora a noção do trabalho do luto como uma reorganização das representações dos fragmentos do objeto perdido.



**Pintura de Giorgio Morandi e Giorgio de Chirico:** Estes artistas apresentam a reunião de imagens repetidas muitas vezes, em configurações diferentes, por vezes quase imperceptivelmente diferentes, remetendo ao processo lento e custoso de reinvestimento e desinvestimento do objeto proposto por Freud durante o trabalho de luto.

### *Giorgio Morandi*

### *Giorgio de Chirico*



O próprio Freud, alguns anos antes de escrever “Luto e Melancolia”, refere-se à história de vida de Leonardo da Vinci (Freud, 1910/1970) para tentar compreender os processos de identificação e, curiosamente, depara-se com o enigmático sorriso de Mona Lisa. Freud desenvolve todo um interessante percurso teórico, que fugiria do escopo de nosso trabalho reproduzir, e propõe que o sorriso de Mona Lisa - um misto de sedução e mistério que se repete em vários outros rostos representados - seria a tentativa de Leonardo de elaborar a perda da mãe que o abandona precocemente nos primeiros anos de sua vida. Podemos propor um trabalho de luto permanente na mente de Leonardo e que reinveste esse traço repetido (sorriso) nos rostos dos personagens.



Estas expressões artísticas, a nosso ver, remetem ao lento e doloroso trabalho de luto, no sentido de reordenar e rearranjar os investimentos no objeto perdido.

Para Freud, o trabalho de luto - investir, desinvestir e reinvestir a representação do objeto perdido - teria um fim, ficando o eu livre para novos investimentos. Contudo, esse se tornou um ponto de discordância de vários autores que vieram depois de Freud e que questionam a possibilidade de um termo para o processo de luto, entre os quais se destacam Abraham e Klein. Nessa direção, Leader (2011, p. 37) cita Gordon Livingstone,

escritor inglês que perdeu seus dois filhos de forma trágica e que afirma que “o trabalho de luto termina quando o objeto perdido e sua ausência são examinados de todos os ângulos possíveis, restando depois como um fardo a ser carregado”. O próprio Freud (1911 como citado por Leader, 2011, p. 103) põe em questão o final do trabalho de luto quando escreve a Binswanger, em 1929:

*Nunca encontraremos um substituto (após uma perda). Não importa o que pode preencher esse vácuo, mesmo se ele for preenchido completamente, apesar disso, ele continuará sendo algo diferente. E, na verdade, isso é o que deveria ser, é a única forma de perpetuar aquele amor que não queremos abandonar.*

Retomaremos essa questão posteriormente.

## **Melancolia**

Diferentemente do sujeito enlutado, o melancólico não sabe “o que perdeu” na perda, não consegue distinguir conscientemente “quem perdeu” de “o que perdeu” nessa perda. Trata-se, portanto, de uma perda objetual retirada da consciência (Freud, 1917[1915]/2011, p. 51).

O sintoma central e definidor da melancolia é a diminuição da autoestima, “que se expressa em autorrecriminações e autoinsultos, chegando até a expectativa delirante de punição” (Freud, 1917[1915]/2011, p. 47). Para Freud, esse ataque ao eu, que danifica profundamente a autoestima, está, na verdade, dirigido ao objeto que foi internalizado ambivalentemente após a perda, com o qual o eu se identifica. Assim, a autocensura do melancólico seria uma repreensão, um ataque a este objeto perdido - objeto ao mesmo tempo amado e odiado. Esse ódio destrói o eu do sujeito, que está identificado com o objeto de amor odiado, ficando a autoimagem do sujeito profundamente alterada, com um empobrecimento significativo do Eu.

O modelo relacional que sustenta essa expressão clínica é um sujeito no qual não há uma clara distinção entre o eu e o outro.

*Eu não sou eu nem sou o outro,  
Sou qualquer coisa de intermédio:  
Pilar da ponte de tédio  
Que vai de mim para o Outro.*

Trata-se de um modo particular de relação com o objeto, que Freud define como relação narcísica de objeto. Além disso, a observação clínica o levou a perceber um fato inesperado e que faz toda a diferença: apesar das autoacusações e da desvalorização de si, esses sujeitos

Estão bem longe de dar provas, perante os que os cercam, da humildade e da submissão que conviriam a pessoas tão indignas; pelo contrário, são extremamente incômodas, mostrando-se sempre como que ofendidos e como se uma grande injustiça tivesse sido cometida contra eles (Freud, 1917[1915]/1970, p. 61).

Freud identifica aqui o traço inconfundível das relações narcísicas: o alto grau de investimento no próprio eu.

Abraham, corroborando essa percepção de Freud, descreve o sentimento de superioridade do melancólico observável durante o intervalo livre, o que, segundo sua compreensão, denuncia o “caráter puramente narcísico do curso do pensamento” (Abraham, 1924/1970, p. 116). Para ele, por trás das autoacusações e do autoenvilecimento, há uma grande quantidade de autoadmiração por parte do sujeito, especialmente em relação à importância e ao efeito de seus próprios pensamentos e sentimentos: são os maiores pecadores, os culpados de todo o mal do mundo etc... Essa estrutura de pensamento conteria, além do ataque ao objeto perdido introjetado, a tendência a representar seus sentimentos de ódio como enormemente poderosos. A melancolia apresentaria, então, uma “justaposição imediata do autoamor e do auto-ódio”, uma superestimação e uma subestimação do eu, ou seja, manifestações de “um narcisismo positivo e um narcisismo negativo” (Abraham, 1924/1970, p.116). Desse modo, Abraham aprofunda e expande a compreensão do caráter narcísico descrito por Freud, sendo este constitutivo do modo de estabelecer a relação de objeto nos melancólicos.

Outro poema de Sá-Carneiro nos remete a esse lugar narcísico encoberto pelo autoenvilecimento do melancólico:

*Lord que eu fui de Escócias de outra vida  
Hoje arrasta por esta a sua decadência  
Sem brilho e equipagens.  
Milord reduzido a viver de imagens,  
Para às montras de joias de opulência  
Num desejo brumoso – em dúvida iludida...  
(– Por isso a minha raiva mal contida,  
– Por isso a minha eterna impaciência).*

*Olha as Praças, rodeia-as...  
Quem sabe se ele outrora*

*Teve Praças, como esta, e palácios e colunas –  
Longas terras, quintas cheias,  
Iates pelo mar fora,  
Montanhas e lagos, florestas e dunas...*

*(- Por isso a sensação em mim fincada há tanto  
Dum grande património algures haver perdido;  
Por isso o meu desejo astral de luxo desmedido –  
E a Cor na minha Obra o que ficou do encanto...).*

Mário de Sá-Carneiro

Mais tarde, em “Psicologia de grupo e análise do ego”, Freud (1921/1976) vai expandir o alcance do processo de identificação descrito na melancolia e situá-lo como estruturante do eu. A partir desse momento, o eu passa a ser entendido como o precipitado de investimentos libidinais abandonados: você é o que amou. Esse desenvolvimento teórico irá re-situar o lugar do processo de identificação descrito em “Luto e Melancolia”, deslocando-o da etiologia de um processo patológico para elemento constitutivo do sujeito.

### ***Depois de Freud***

Karl Abraham e Melanie Klein discordaram de Freud quanto à polarização entre luto e melancolia, ressaltando que, pelo fato das relações da infância serem necessariamente ambivalentes - amor e ódio dirigidos à mesma pessoa -, haveria sempre recriminações e sentimentos hostis dirigidos àqueles que nos abandonam, não sendo possível um processo de luto como o descrito por Freud e que chega a um fim.

Segundo Abraham, há sempre uma introjeção temporária da pessoa amada perdida, mesmo no processo de luto normal. Para ele, a melancolia seria uma forma arcaica de luto, no qual remanescentes do estágio de “amor parcial” (Abraham, 1924/1970, p.149) permanecem na mente do sujeito como partes isoladas do corpo do objeto de amor, investidas com sentimentos ambivalentes, e que o sujeito incorporou a seu próprio corpo. Esta incorporação do objeto é sempre canibalística, marcada por forte ambivalência de sentimentos.

A melancolia seria o resultado da regressão da libido a pontos de fixação no período “oral primitivo” (Abraham, 1924/1970, p. 82) e na “fase anal-sádica expulsiva” (Abraham, 1924/1970, p. 140). Contudo, mesmo regredindo tanto, o sujeito não conseguiria escapar do conflito de seus sentimentos ambivalentes. Qualquer perda

posterior reavivaria a situação infantil de sentimentos intensamente ambivalentes em relação à mãe, com forte carga de ódio. Este é o motivo de sua crítica a Freud quanto a uma separação radical entre o luto e a melancolia.

Em 1911, Abraham ressalta a semelhança estrutural entre a melancolia e a neurose obsessiva, sobretudo pela presença de duas tendências opostas - o amor e o ódio - em relação ao mesmo objeto, interferindo uma sobre a outra, reduzindo a capacidade de amar. O sentimento de pobreza, tão frequente nos quadros melancólicos, originaria-se desta percepção inconsciente da “incapacidade de amar” (Abraham, 1911/1970, p. 43), levando a sentimentos de inadaptação aos problemas da vida, o que reforçaria a sensação de pobreza.

Sustenta que, frente à perda do objeto, as tendências sádico-anais, que visam expelir e destruir o objeto, vêm à tona, diferentemente do obsessivo, onde as tendências conservadoras de controle e retenção sobressaem. Localiza, nessa linha divisória, o momento em que começa a se delimitar aquilo que chamou de “objeto de amor” (Abraham, 1924/1970, p. 94), sendo nesse ponto que a tendência a preservar o objeto começa a predominar no lugar de expeli-lo e destruí-lo. O obsessivo tenta reter e controlar o objeto de amor, ao passo que o paranoico o expulsa e destrói enquanto objeto de amor. O melancólico fica detido em um momento intermediário, no qual o objeto é atacado oralmente, expulso analmente (nível anal anterior) e retido analmente, já havendo, contudo, um esboço de objeto de amor, mas que não se sustenta em função da violência oral canibalística e anal anterior. Abraham define duas fases sequenciais na gênese da estrutura melancólica: perda do objeto por expulsão anal e, posteriormente, reincorporação do objeto de amor (introjeção oral).

Quanto mais violentos são os impulsos inconscientes de ódio, maior a tendência de formar ideias delirantes de culpa, tão comuns na melancolia, onde o sadismo foi recalçado no inconsciente. O sentimento de culpa é reforçado pela realização do desejo recalçado de ser um criminoso. Assim, as atitudes de autoacusação e autoenvilecimento do melancólico seriam a consequência de seus desejos de cometer atos de violência em função de seu ódio recalçado, que se expressariam por sentimentos de culpa. Aqui, percebemos como se afasta da proposição freudiana, abrindo caminho para os desenvolvimentos teóricos de Klein.

Abraham nós dá a seguinte súmula de sua compreensão da melancolia:

*As pessoas melancólicas sofrem uma decepção insuportável por parte de seu objeto de amor, elas tendem a expelir esse objeto como se ele fosse fezes, e a destruí-lo. Logo após, realizam o ato de introjetá-lo e devorá-lo, ato que é uma forma especificamente melancólica de identificação narcísica. Sua sede sádica de vingança encontra então satisfação, atormentando o eu, atividade que, em parte, dá prazer. Temos razão para supor que esse período de auto-tormento dura até que o decorrer do tempo e o apaziguamento gradual dos*

*desejos sádicos tenham afastado o objeto amado do perigo de ser destruído. Quando isso acontece o objeto amado pode sair de seu esconderijo do eu e o melancólico pode restaurá-lo em seu lugar no mundo exterior. (Abraham, 1924/1970, p. 124)*

Melanie Klein

Para Klein, luto e melancolia são formas da mesma estrutura, considerando que o “luto do adulto normal envolve estados maníacos e depressivos” (Klein, 1940/1996a, p. 385). Para ela, “no luto normal, ansiedades psicóticas arcaicas são reativadas” (Klein, 1940/1996a, p. 397), estando o indivíduo “de fato doente” (Klein, 1940/1996a, p. 397). Nesse sentido, não existiria para ela o evento do luto descrito por Freud e que envolveria um amor puro.

Para Klein, a perda de uma pessoa amada reativa, necessariamente, a posição depressiva infantil, sendo que a possibilidade de entrar e se recuperar do luto depende da solução dada à “posição depressiva na infância” (Klein, 1940/1996a, p. 387). Assim, mesmo durante o trabalho de luto normal, as dificuldades relativas à posição depressiva terão de ser enfrentadas, pois os sentimentos de culpa e tristeza sentidos são revividos, do mesmo modo que foram quando da percepção do objeto total. “No luto normal, assim como no luto anormal e nos estados maníaco-depressivos, a posição depressiva infantil é reativada” (Klein, 1940/1996a, p. 412).

Para complicar esse quadro, a perda de um ente querido diminui o sentimento de segurança relativo à posse das representações dele, fazendo reviver angústias da posição anterior relativas a objetos danificados e perseguidores. A perda do objeto bom externo provoca uma experiência de também ter perdido o objeto bom interno, sendo essa perda vivida como ataque de objetos maus, despertando, dessa forma, ansiedades arcaicas. A criança sente que os objetos internos maus se tornaram dominantes, “o que coloca em risco a integridade de seu mundo interno” (Klein, 1940/1996a, p. 396).

Desse modo, a dor associada ao luto se deve à necessidade de renovar os elos com o mundo externo e desligar-se do objeto perdido, mas, principalmente, à reconstrução, com agonia e dor, do mundo interno, que o sujeito julga estar em risco de desmoronamento ou de ter sido destruído quando houve a perda real. “O êxito na reconstrução desse mundo interior caracteriza o trabalho de luto bem-sucedido” (Klein, 1940/1996a, p. 406).

Para Klein, a diferença entre o luto normal e a melancolia é que, nesta, o sujeito não conseguiu estabelecer seus objetos bons internos no início da infância e, por esse motivo, não se sente seguro quanto ao seu mundo interior. São sujeitos que nunca conseguiram superar a posição depressiva infantil. No luto normal, a posição depressiva arcaica, reativada pela perda do objeto amado, modifica-se novamente, sendo superada através de métodos semelhantes àqueles empregados pelo eu durante a infância. O

indivíduo restaura o objeto amado que acaba de perder e restabelece dentro de si seus primeiros objetos de amor – os pais bons –, cuja perda ele também temia ao passar pela perda real. Assim, “durante o luto, o indivíduo passa por um estado maníaco-depressivo modificado e transitório, vencendo-o depois de algum tempo; assim, ele repete (...) os processos que a criança normalmente atravessa no seu desenvolvimento inicial” (Klein, 1940/1996a, p. 397). Só gradualmente, retomando a confiança nos objetos externos e em valores de todos os tipos, é que a pessoa de luto consegue fortalecer mais uma vez sua confiança na pessoa amada que perdeu e nos seus objetos internos.

Ao restabelecer dentro de si os pais bons e reconstruir o mundo interno que fora desintegrado ou se encontrava em perigo, o sujeito vence seu pesar, volta a ter segurança e “conquista a verdadeira paz e harmonia” (Klein, 1940/1996a, p. 412).

Para Klein, durante o processo de luto, existe sempre o risco de o sujeito desviar “seu ódio para a própria pessoa que ele acaba de perder” (Klein, 1940/1996a, p. 404), expressando esse ódio como triunfo sobre a pessoa morta, o que incrementa o sentimento de culpa. Somente após um doloroso processo de restabelecimento dos objetos internos é que há uma menor necessidade de defesas maníacas contra eles. Pode, então, admitir novamente que esse objeto não era perfeito, sem perder a confiança e o amor que sente por ele, nem tampouco temer sua vingança.

Durante um processo de luto bem-sucedido, ocorre a restauração de objetos internos amados, a perseguição se reduz e o anseio pelo objeto amado perdido é vivido com toda sua intensidade, havendo “um recuo do ódio e o amor se liberta” (Klein, 1940/1996a, p. 402). Além disso, a capacidade de reparação na superação dos estados de luto depende do sujeito ter estabelecido, no início da vida, uma mãe boa dentro de si que o ajuda a superar essa perda avassaladora e os intensos sentimentos de ódio que dela decorrem.

Desse modo, para Klein, o trabalho de luto é a tentativa de proceder a reparações, sendo que

*[...] todo avanço no processo do luto resulta num aprofundamento da relação do sujeito com seus objetos internos, na felicidade de reconquistá-los depois que eles foram considerados perdidos, numa maior confiança e amor por esses objetos, pois eles se mostraram bons e prestativos no final das contas.*

(Klein, 1940/1996a, p. 403).

Na melancolia, “o sofrimento e as ansiedades psicóticas reproduzem as lutas da posição depressiva infantil” (Klein, 1935/1996b, p. 302), sendo decorrentes do medo “de guardar dentro de si objetos mortos ou agonizantes e da identificação do ego com objetos nessas condições” (Klein, 1935/1996b, p. 308). Nesse ambiente interno, o eu se vê constantemente ameaçado quanto à posse dos objetos bons internalizados e pela

integridade deles. Nesse sentido, a melancolia é consequência dos “sentimentos de fracasso em manter o bom objeto internalizado e de incapacidade de vencer o medo paranoide dos perseguidores internos” (Klein, 1935/1996b, p. 309).

O eu do melancólico fica aprisionado numa lógica destrutiva (Klein, 1935/1996b, p. 309) cujas características são as seguintes:

- Perseguições de objetos maus internalizados;
- Ataques desses objetos uns contra os outros;
- Necessidade de atender a exigências rigorosas e aplacar os “objetos bons”;
- Superego implacável (crueldade do objeto amado internalizado);
- Necessidade de proteger os objetos bons dentro do eu;
- Constante incerteza quanto à bondade do objeto bom, o que faz com que se transforme em mau.

Assim, para Klein, a melancolia seria o resultado de uma luta interna em que “o eu se identifica com o sofrimento dos objetos bons atacados e ameaçados” (Klein, 1935/1996b, p. 314). Nessa situação, medos e suspeitas paranoides podem ser reforçados como defesa e encobrir sentimentos depressivos, estando o estado depressivo calcado no estado paranoide, do qual deriva geneticamente, “sendo uma mistura da ansiedade paranoide com os conteúdos da ansiedade, sensações de sofrimento e defesas ligadas à perda do objeto amoroso inteiro” (Klein, 1935/1996b, p. 317).

Aqui, podemos identificar uma importante diferença entre a melancolia para Freud, que decorre do ódio pelo objeto amado introjetado, e para Klein, que postula que é o ódio pelo Id, que pode dominar o eu e destruir o objeto amoroso, o que traz os sentimentos de culpa, sofrimento e desespero subjacentes ao pesar relativos ao objeto.

### ***Algumas expansões...***

Leader (2011), partindo das ideias de Freud, Klein e Lacan, expande alguns vértices da compreensão dos processos de luto e melancolia. Para ele, o luto só pode acontecer quando o sujeito é capaz de constituir para si uma ideia do que é um objeto, o que inclui necessariamente uma concepção de perda, já que o objeto é sempre objeto perdido. Esse é o argumento sobre o qual se fundamentaram Klein e, principalmente, Lacan, que postularam que o luto, para operar, necessita que o objeto e o lugar do objeto devam estar construídos, o que depende de um fazer, de um trabalho prévio.

Nesse sentido, somente se a diferença entre o objeto amado e o lugar que ele ocupou puder ser articulada é que será possível ir adiante e fazer novos investimentos, colocar outro no lugar agora vazio deixado pelo objeto perdido. Lacan insiste em um

argumento surpreendente: o luto envolve um processo de “constituição do objeto” (Lacan como citado por Leader, 2011, p. 134). Surpreendente, pois contraria a percepção mais imediata de que o trabalho de luto trata de fazer desaparecer o objeto de amor, desligar dele a libido que antes estava investida e liberá-la para novos investimentos. Lacan sustenta que construir o objeto significa registrar psiquicamente um espaço vazio, que, ao internalizarmos um objeto, fazemos o mesmo com a ausência dele. Esse lugar se aproxima daquilo que Lacan denominou *objeto a* (Lacan, 1964/2008), objeto causa do desejo, que imanta e passa a organizar os investimentos afetivos. Assim, construir um objeto significa construir uma ausência, registrar psiquicamente um espaço vazio, para que possa operar o fato de que o objeto de amor foi definitivamente perdido. Somente após esse processo ter ocorrido é que o espaço pode ficar disponível para que outros objetos sejam investidos. Podemos observar como isso se aproxima das teses defendidas por Klein quando postula a posição depressiva: somente quando o objeto é amado como um todo é que sua perda pode ser sentida como um todo.

Dentro desse contexto, o trabalho de luto, ou seja, mapear a diferença entre o objeto perdido e o lugar que ocupou, significa explorar em detalhes as razões das ligações ao objeto de amor, ou seja, explorar as ligações inconscientes entre o objeto amado e o espaço vazio deixado pelas figuras primitivas, com toda a gama de ambivalência que essas relações carregam. É por meio desse trabalho longo e doloroso que a imagem do objeto pode ser separada da que ocupava inconscientemente. Fica, então, nesse lugar, a presença de algo não representável, um buraco psíquico.

Assim, o luto não significa simplesmente desistir de um objeto, mas restaurar a ligação do sujeito com um objeto a partir de sua ausência, caracterizando-o como perdido, como impossível. O cerne da questão está em distinguir o objeto perdido do envelope narcísico que o encobre e que é a causa do amor. Se os laços com o objeto (perdido) são restaurados, e o lugar do envelope imaginário for separado, é possível a outro ocupar o seu lugar. O luto implica, então, sacrifício, um sacrifício dos vínculos do sujeito com a imagem narcisicamente investida.

Para Lacan (1964/2008), o problema do enlutado é querer manter o vínculo com a imagem que narcisicamente estrutura o amor. Perdê-la significa perder-se, o que aproxima, necessariamente, o luto do campo da melancolia, pois há uma recusa em desistir do objeto amado. Isso significa que o objeto e o lugar do objeto não podem ser separados com precisão, permanecendo a ligação à imagem, impossibilitando o sujeito de ir além. A imagem, nesse caso, exerce uma tirania sobre o sujeito.

Para Leader, seguindo os passos de Lacan, além do luto pela pessoa amada, “há o luto por aquilo que o sujeito representa para o outro” (2011, p. 148). É o fato de o outro conferir identidade que dá a ele seu valor. Como ensina Lacan (1962-1963/2005), criamos relacionamentos, em parte, para assegurarmos posições imaginárias para

nós mesmos. Em um relacionamento, somos uma imagem com relação ao olhar de alguém. “Os relacionamentos nos dão lugares e, quando terminam, precisamos decidir se podemos desistir desses lugares ou não” (Leader, 2011, p. 149). Desse modo, o luto que fazemos pelo objeto perdido é também por nós mesmos e envolve uma renúncia real de uma parte de si, um ajuste da própria imagem. Por isso, é preciso “consentir, no nível mais profundo, a perda de parte de nós mesmos, e essa é a razão de o luto envolver um sacrifício adicional” (Leader, 2011, p. 152).

No melancólico, o vazio deixado pela perda fica obliterado, ocupado pela “sombra do objeto” (Freud 1917[1915]/2011, p. 61), o eu torna-se aquilo que Fédida (1999) nomeou de sepultura do objeto. Para tentar lidar com a equalização perda-objeto, o melancólico dá “à ausência uma presença física, transforma um espaço negativo em algo real e substancial” (Leader, 2011, p. 196). O vazio se torna massivo, inevitável e onipresente. O sujeito se torna a sepultura desse vazio-preenchido. A melancolia, nesse sentido, poderia ser vista como uma defesa que cria um excesso de real, como bem representam as obras de Rachel Whiteread.

Carlos Drummond de Andrade, em “As Namoradas Mineiras”, nos apresenta a situação melancólica do sujeito que escreve “*a mesma carta para todas as namoradas*” e oblitera o espaço do amor com a repetição estéril de cartas mimeografadas.

*Uma namorada em cada município,  
e os municípios mineiros são duzentos e quinze,  
mas o verdadeiro amor onde se esconderá:  
em Varginha, Espinosa ou Caratinga?*

*Estradas de ferro distribuem a correspondência,  
a esperança é verde como os telegramas,  
uma carta para cada uma das namoradas  
e o amor vence a divisão administrativa.*

*Para Teófilo Otoni o beijo vai por via aérea,  
os carinhos do sul pulam sobre a Mantiqueira,  
mas as melhores, mais doces namoradas  
são as de Santo Antônio do Monte e Santa Rita.*

*Enquanto na Capital um homem indiferente,  
frio, desdobrando mapas sobre a mesa,  
põe o amor escrevendo no mimeógrafo  
a mesma carta para todas as namoradas.*

O melancólico não consegue se desvencilhar da imagem do que era para o objeto perdido e, assim, proceder à reconstrução de si a partir da perda dessa referência. O processo fica bloqueado. Cada vez que é necessário assumir uma posição simbólica, só existe um vazio. O Outro simbólico não está lá para situá-lo, e o que resta é a autoimagem deixada à mercê não do simbólico, mas do Outro muito real. Esse impasse simbólico traz problemas ao sujeito melancólico, pois ele está “em dois lugares ao mesmo tempo” (Leader, 2011, p. 189). Ele está desesperado para articular o seu estado, mas não consegue fazê-lo, pois está, ao mesmo tempo, aprisionado por um excesso de real. Daí, muitos melancólicos tornarem-se artistas quando conseguem expressar artisticamente essa impossibilidade. Podemos entender que parte da luta melancólica tem a ver com a linguagem, com “encontrar uma forma de expressar o impossível” (Leader, 2011, p. 190). No melancólico, há “uma ligação entre o sentimento de impossibilidade e a necessidade de transmiti-la” (Leader, 2011, p. 190). Ele tem dificuldade de “encontrar palavras para dizer como as palavras fracassam” (Leader, 2011, p. 193), sendo imperativo que encontre uma nova linguagem para falar e constituir a perda.

A leitura precisa que faz Fédida de Freud e Abraham nos leva a compreender o canibalismo do melancólico como expressão de um “gozo da unidade violenta” (Fédida, 1999, p. 61), na qual todos os limites se perdem. O melancólico lança mão de fantasias canibalescas para caracterizar a “ambivalência regressiva do desejo de se apropriar do objeto destruindo-o, sendo o meio imaginário do qual se serve o eu-prazer na esperança de negar o objeto como tal” (Fédida, 1999, p. 61), ou seja, separado de si. O canibalismo torna-se o conceito que define a ambivalência inerente à identificação narcísica na escolha de objeto implicada na estrutura da melancolia.

A fantasia canibalesca “esconde e revela o desejo de anular o que separa e distingue. Em nome de uma identidade ilusória do mesmo, ela carrega a vocação imaginária de jamais perder o outro” (Fédida, 1999, p. 65), aquela pela qual somente a destruição por devoração assegura que o outro não poderá jamais abandonar. Contudo, o apropriar-se das qualidades do outro em nada oferece uma resposta à questão posta pela angústia da perda, pelo contrário, reforça a característica ilusória contida no mito canibalesco, aprisionando o sujeito na armadilha melancólica.

O canibalismo constitui uma “verdadeira transgressão imaginária da falta” (Fédida, p. 66), na qual o desconhecimento toma a forma de uma denegação do real propriamente dito. É pela ilusão que o inconsciente realiza o jogo selvagem do gozo melancólico de devorar o objeto de amor ao qual o eu fica ligado por uma identificação primitiva. Entretanto, por tratar-se de uma ilusão, carrega nela sua própria ruptura. No canibalismo, a perda do objeto em si não é sentida como ameaça, a não ser sob essa condição de conter a ameaça de destruição do eu.

Para Fédida, a melancolia, fundamentada que está na fantasia canibalística, seria menos uma reação regressiva à perda do objeto do que a capacidade fantasmática (ou alucinatória) de “mantê-lo vivo como objeto perdido” (Fédida, 1999, p. 67). A incorporação canibalística não é, de modo algum, o ato simbólico da resolução da perda, mas, ao contrário, a satisfação imaginária da angústia de se alimentar do objeto perdido mantendo-o vivo. O sujeito torna-se a sepultura do objeto perdido. O canibalismo seria, então, a expressão mítica de um luto melancólico por um objeto ao qual o eu se acha preso e do qual ele não pode se separar, pois testemunha a angústia de “mantê-lo presente na sua ausência” (Fédida, 1999, p. 67). É, nesse sentido, define a ambivalência, que, para preservar da perda do objeto, o destrói para mantê-lo vivo. Por fim, o luto canibalístico seria uma solução incestuosa de união alimentar com o objeto de amor.

Como síntese, poderíamos dizer que, no luto, ocorre um desligamento, nunca completo e vagaroso, do objeto perdido e, na melancolia, o sujeito se liga completamente a ele. O trabalho de luto envolve um processo de constituição do objeto separado do lugar vazio do objeto primeiramente perdido, ao passo que, na melancolia, não existe diferença entre o objeto e o lugar que ele ocupa: é como se o real se apresentasse para exemplificar a dimensão da falta. Se o luto é possibilitado pela internalização da ausência do objeto, na melancolia, a perda e o objeto são igualados.

Desse modo, o melancólico está menos ligado ao que perdeu do que à perda em si. A falta se torna um buraco obliterado em vez de fonte de possibilidades. Uma das formas de tentar se libertar dessa equiparação é pular no buraco, tornando-o algo real e concreto. O sujeito “se permite ser esmagado pelo seu complexo” (Abraham, 1970, p. 43).

### **A Queda**

*E eu que sou o rei de toda esta incoerência,  
Eu próprio turbilhão, anseio por fixá-la  
E giro até partir... Mas tudo me resvala*

*Em bruma e sonolência.  
Se acaso em minhas mãos fica um pedaço de ouro,  
Volve-se logo falso... ao longe o arremesso...  
Eu morro de desdém em frente dum tesouro,  
Morro à mingua, de excesso.*

*Alteio-me na cor à força de quebranto,  
Estendo os braços de alma - e nem um espasmo venço!...  
Peneiro-me na sombra - em nada me condenso...  
Agonias de luz eu vibro ainda entanto.*

*Não me pude vencer, mas posso-me esmagar,  
- Vencer às vezes é o mesmo que tombar -  
E como inda sou luz, num grande retrocesso,*

*Em raivas ideais, ascendo até ao fim:  
Olho do alto o gelo, ao gelo me arremesso...  
.....  
Tombei...  
E fico só esmagado sobre mim!..*

Mário de Sá-Carneiro

### **Mourning and Melancholia: A growing text**

**Summary:** From Mourning and Melancholia, the author proposes a theoretical approach that points to some developments of the ideas launched in this seminal work of Freud. For this purpose goes through the works of post-Freudian authors, especially Karl Abraham, Melanie Klein and Jacques Lacan, seeking to define points of expansion of the concepts. The author uses some art resources to contextualize the ideas developed. In the end, proposes that the mourning and melancholia processes can't be distinguished as clearly as Freud thought, being the process of mourning/melancholia, constitutive of the subject.

**Keywords:** mourning; melancholia; psychoanalysis; depression.

### **Duelo y Melancolía: Un texto en expansión**

**Resumen:** A partir del texto Duelo y Melancolía, propone el autor un camino teórico que apunta a algunos desarrollos de las ideas lanzadas por este trabajo seminal de Freud. Con este propósito se basa en la obra de autores postfreudianos, especialmente Karl Abraham, Melanie Klein y Lacan, que buscan puntos de ampliación de los conceptos establecidos. Hace uso de algunos recursos de artes para contextualizar las ideas expuestas. Al final del curso, se sugiere que los procesos de duelo y melancolía no se pueden distinguir tan claramente como pensaba Freud, llegando a la conclusión de que el proceso de duelo/melancólica es constitutivo del sujeto.

**Palabras clave:** luto; melancolía; psicoanálisis; depresión.

## Referências

- Abraham, K. (1970). *Teoria Psicanalítica da Libido. Sobre o caráter e o desenvolvimento da libido* (C.M. Oiticica, Trad.). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho originariamente publicado em 1927).
- Andrade, C.D. (2001). *Brejo das almas*. Rio de Janeiro: Editora Record.
- Carneiro, M.S. (1995). *Obra Completa*. Rio de Janeiro: Editora Nova Aguilar.
- Fédida, P. (1999). *Depressão* (Martha Gambini, Trad.). São Paulo: Escuta.
- Freud, S. (1970). Leonardo da Vinci e uma lembrança da sua infância. In: S. Freud *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (J. Salomão, Trad., Vol. 11, pp. 53- 124). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1910).
- Freud, S. (1976). Psicologia de grupo e análise do ego In: S. Freud *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (J. Salomão, Trad., Vol. 18, pp. 89-179). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1921).
- Freud, S. (2011). Luto e Melancolia In *Luto e Melancolia* (M. Carone, Trad. pp. 41-87). São Paulo: Cosac Naify. (Trabalho original publicado em 1917[1915]).
- Klein, M. (1996a). Uma contribuição à psicogênese dos estados maniaco-depressivos. In: *Amor, culpa e reparação e outros trabalhos* (A. Cardoso, Trad., pp. 301-329). Rio de Janeiro: Imago (Trabalho original publicado em 1935).
- Klein, M. (1996b). O luto e suas relações com os estados maniaco-depressivos. In: M. Klein *Amor, culpa e reparação e outros trabalhos* (A. Cardoso, Trad., pp. 385-412). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1940).
- Lacan, J. (2005). *O seminário, livro 10: a angústia*. (V. Ribeiro, Trad.). Rio de Janeiro: Jorge Zahar. (Trabalho originalmente publicado em 2004).
- Lacan, J. (2008). *O seminário, livro 11: os quatro conceitos fundamentais da psicanálise*, (M.D. Magno, Trad.). Rio de Janeiro: Jorge Zahar. (Trabalho originalmente publicado em 1986).
- Laeder, D. (2011). *Além da depressão. Novas maneiras de entender o luto e a melancolia*. (F. Santos, Trad.). Rio de Janeiro: Editora Best Seller.

Ronis Magdaleno Júnior  
Rua Padre Almeida 515, sala 14  
Campinas, São Paulo  
Tel: (19) 3254-2103  
ronism@uol.com.br